

O RECOPIADOR LIBERAL.

*A vil ambição do mando presta auxilio á tyrannia, se deixa
escreviser para dominar, entrega os Póvos para participar dos
seus despojos, e renuncia a honra para obter dignidades, e ti-
tulos.*
(RAYNAL.)

PORTO ALEGRE 1832: NA TYPOGRAPHIA DE V. F. DE ANDRADE, RUA DA IGREJA NUMERO 36.

INTERIOR.

*Sobre a necessidade dos meios para conservar
a Liberdade já adquirida.*

Todos os homens, todas as Nações, todos os Póvos amão a liberdade com vehemencia, com ardor, com enthusiasmo; leva gravada no fundo do coração uma indelevel propensão; conhecem todos sua maravilhosa excellencia, e vèem as grandiosas vantagens, que produz; e assim parece que quando chegassem a romper as mais infames cadeas do despotismo, e adquirir a liberdade, não devião perdê-la seguramente. Porem uma fatal experiencia á par da historia, nos mostra todo o contrario. A Hollanda, por exemplo (precindindo dos antigos Póvos Romanos, e Gregos, que de livres que erão, chegarão a ser escravos infelises) sacodiu o jugo de ferro, que a opprimia, se deu, como todos sabem, á liberdade por tanto tempo suspirada, e depois cahiu debaixo da barbara escravidão de um novo tyranno. A Inglaterra a um seculo, que tem rómvido as cruéis cadeas do despotismo, e viu-se felizmente livre, mas logo ficou redusida debaixo de um novo jugo de tyrannia, muito peor que o primeiro. A Italia, dous annos faz, viu com jubilo nascer a aurora feliz da Liberdade, debaixo da protecção dos Franceses; e poucos meses depois tem sido outra vez presa da voracidade da *Aguia* fugitiva do valor Galicano. O Piemont depois de varios seculos de tyrannia rompeu á sombra dos laurés Franceses as ignominiosas cadeas, e viu arvorado o estandarte tricolor da Liberdade; mas a invasão Austro-Russa, redusio-a a submitter os pulsos á mais furiosa tyrannia.

Muitas, e mui varias são na verdade as causas á que se attribue uma vicissitude tão cruel nos Póvos; mas a primeira, e cuja existencia não podemos comprehendêr, é a insufficiencia das medidas tomadas para conservar a liberdade adquirida; a insufficiencia dos meios que não se vêem em pratica para defendê-la energeticamente. É possível, que os tyrannos, quando tem tido a infernal destresa de submitter

aos Póvos ao seu dominio tenham a ousadia de estreitar suas cadeas, para jámais poderem rompê-las; que os déspotas quando tem sujeitado ás Nações por meio da violencia das armas, põe todo seu cuidado em opprimil-as debaixo de jugo, para que não possam sacodil-o; e os Póvos, e as Nações, que de escravas se vèem livres; nos conta a historia, que não se cuidão de tomar as medidas necessarias para manter a sua Liberdade? É possível, que os Póvos, e as Nações, que tem arrojado o jugo nos faça conhecer a experiencia, que não tomão os meios aptos para permanecer independentes, e livres? Não pôde imaginar-se maior paradoxa, nem problema mais indissolúvel: e sendo a funêsta causa destes males a ignorancia dos meios opportunos para manter-se livres, julgamos que será de summa utilidade o dá-los a conhecer á todos, para que os possam aproveitar quando se achem neste caso; e assim com esta vista de utilidade commum emprendemos aqui o discrevel-os, manifestando sua efficacia para conservar a liberdade adquirida.

I. O primeiro meio tão opportuno como eficaz é a organização de uma prompta força armada; e que havião sido (se se necessitão razões para faser sencível esta verdade) os Estados-Unidos da Hollanda, se quando seus Cidadãos sacodirão a intoleravel tyrannia da Hespanha, não houvessem pensado em organizar uma semelhante força, de que fallamos, para inutilisar os esforços do antigo tyranno, que não cessou de faser-lhes a guerra por 40 annos para redusil-os, se houvera sido possível, á primitiva escravidão? Que teria sido dos Cantões Unidos da Suissa, se quando rôtas as vis cadeas no tempo do *Guilherme Tell*, livres seus Cidadãos, não houvessem organizado promptamente uma forte milicia, com que souberão triumphar do antigo déspota, que guerreou sem cessar oitenta annos contra elles para sujeital-os de novo á tyrannia? Em que haveria parado a Republica de França, se não houvera organizado de prompto um exército respeitavel, com que soube triumphar de todos seus

inimigos exteriores, que se haviam colligado contra ella, e de todos os tramas dos inimigos domesticos, dirigidas á sua total ruina? Se a liberdade explicou seus generosos sentimentos na Italia, e se oppoz ás ambiciosas vistas dos tyrannos, que querião arruinal-a, á que outra causa se deve attribuir senão á força armada, que unida ás armas Francesas, a fez respeitar? Tenhamos por cousa mui certa, que quando os déspotas, e os tyrannos veção aos Povos Livres, enfurecidos de ter perdido o mando do throno absoluto, estudão com anhelo o modo de recobrar sua auctoridade primitiva; estudarão o meio de semear entre os Cidadãos já livres, o fogo de uma contrarevolução; combaterão com as armas por fóra, e com as intrigas por dentro; não ommittirão gastos, fadigas, e sacrificios, empenharão, por disel-o assim, o céo, e a terra; para conseguir seu objecto; e assim é de indispensavel necessidade uma prompta força armada para illudir os raivosos esforços dos ex-tyrannos.

Convem nisto pois, evitar opportunamente a conducta dos déspotas, e dos tyrannos, os quaes no tempo de paz mantem uma respeitavel força armada para prevenir fóra de outros motivos, toda tentativa da parte do Povo contra seu governo injusto; pois com mais poderosa razão, os Povos, que recentemente tem sacodido seã jugo oppressor, devem desde logo pôr em pé uma força armada, que seja capaz de conservar, e defender illesa a liberdade que tem adquirido.

II. O segundo meio é tirar a superfluidade de suas abundantes riquezas á todos aquelles, que no tempo do governo anti-revolucionario se tem mostrado acerrimos inimigos da liberdade do Povo. Pois que, a um inimigo não se lhe deve tirar as armas? Não se deve, quando se póde, tirar as armas aos assassinos? Não se deverá tirar a faca da mão, a um furioso, que com ella ameaça sangue, e estrago? Todos aquelles, que se tem mostrado defensores da tyrannia dos reis, são inimigos declarados do genero humano, são outros tantos tyrannos, são os bárbaros assassinos dos Povos, são uns furiosos transportados por seu imbecil orgulho; e assim convem de precisa necessidade desarmal-los logo que se recobra a liberdade de uma Nação; convem tirar-lhes suas riquezas, que são suas armas politicas; de outro modo pérriga extraordinariamente a liberdade dos Povos. Acaso affectarão estes entrar nas vistas do Governo Representativo; quererão dar a entender, que tem mudado de maneira de diser, e de obrar; Povos, não vos fieis; sua altivez não lhes permite adoptar uma opinião, que os humilharia; seu secreto rancor contra a *Liberdade*, e *Igualdade* não é facil que tão prompto se extinga; sua antipathia é como um

caracter, que fica totalmente indelevel; são como outras tantas serpentes, que se escondem para apparecer com maior segurança; são como outros tantos lobos, que tomão a figura, por disel-o assim, de cordeiros, para devorar mais facilmente. Consulte-se a experiencia, que faz ver, que na França, na Hollanda, e na Italia, tem prodigalizado thesouros para supplantar o fogo da contrarevolução, que aqueceu pela invasão combinada dos Austro-Russo; e esta uma prova mais convincente, e o argumento mais indissolvel, que se póde apresentar.

A propriedade dos bens, é na verdade nos Povos Livres um direito inalienavel, e sagrado; a propriedade é um direito que de maneira alguma se póde tocar; mas a recta rasão nos aconselha, que elle deve cessar quando é em prejuizo Pnblico. Por ventura o proveito particular de uns poucos de perversos ha de-se preferir o bem universal da Patria? Acaso por uma louca delicadesa de não prejudicar á uns poucos de *verdugos do genero humano* se ha de desarreigar a Liberdade de uma Nação inteira? Se os tyrannos, e seus vis aduladores se empenhão em absorver por uma perversa politica, a propriedade dos bens dos Povos, empobrece-os, e redusil-os á miseria, para que se não atrevão a levantar a cabeça contra o governo tyrannico, não deverá um Governo Livre tirar as riquezas á estes de quem se sabe, como certo, que se servirão dellas para arruinar a liberdade dos Povos?

(Continuaremos.)

EXTERIOR. MONTEVIDEO.

Relação do successo, que teve lugar em 26 com os botes da Fragata de Guerra Inglesa Druid, e de alguns documentos, que lhe são relativos.

Hontem ás 9 da manhã alguns botes da Fragata — *Druid* — ao mando do Capitão *Hamilton*, e dois da Escuna Americana — *Euterprize* — Capitão *Downsig*, carregados de gente de guerra invadirão com mão armada o porto desta Cidade, e se apresentarão em attitude hostil á tiro de pistóla do cáes, como com a intenção de desembarcar. Ao primeiro signal deste ináudito attentado, cometido sem motivo, nem provocação alguma de nossa parte, por uns estrangeiros, que se chamão civilizados, e liberaes, os cidadãos acudirão de todas as partes ao caes com suas armas; e as consequencias terião sido fataes para os aggressores, se a presença de um Povo justamente irritado, e offendido no mais vivo da sua honra, não as houvesse contido. Os botes depois de ter perennecido até ás onze na posição, que haviam tomado, se retirarão ás suas respectivas embarcações, e o

Povo tornou á tranquillidade, de que o tem querido arrancar alguns genios descontentes com o sistema de moderação, e de ordem, que se observa no meio da crise politica, que hoje está soffrendo o Paiz.

Nenhuma especie de satisfação se tem dado até agora ás Auctoridades do pais por este factó; e nos parece tão inutil pedil-a, como escusado invocar o direito das gentes contra seus auctores; porem, se ha ao menos uma sombra de justiça nos governos de que elles dependem, o deste Paiz o reclmará sem duvida, quaesquer que sejam os homens, que nelle mandem, porque a causa é Nacional; e em todo o caso saberemos a que direito devemos recorrer para o futuro em nossas relações com elles.

Entretanto sabemos privadamente, porem de um modo indubitavel; que o Consul de S. M. B. *Thomáz Samuel Hood* foi a causa exclusiva desta atroz aleivosia, e que o Capitão *Hamilton* procedeo em consequencia dos signzes que o Sr. *Hood* fez em terra para esse fim. Isto é o que confessou o mesmo Sr. *Hood*, ainda que diz, que foi por um equívoco, e para que ninguem o duvide, copiamos aqui a carta, que o Capitão *Downisg* da Escuna Americana escreveu ao Consul da sua Nação como uma satisfação por sua conducta.

TRADUÇÃO LITTERAL.

A'bordo da Escuna—*Euterprize*—dos Estados Unidos.

Monte-Video Julho 26 de 1832.

Senhor.—Esta manhã cedo fui informado pelo Capitão *Hamilton* (da Fragata Inglesa—*Druid*) que o Consul Inglez lhe havia feito um signal, avisando-o, que havião temores pela segurança dos Estrangeiros, e de tumultos na Cidade, na qual alguma violencia se havia commettido; o que o tinha indusido a armar e enviar seus botes ao mesmo tempo que as Embarcações tomavão posição para protegel-os.

Eu não podia averiguar a origem, ou natureza do alarma, e como uma medida de precaução, enviei os botes desta Embarcação para trazer, ou proteger do melhor modo possível os nossos patricios, que quisessem aproveitar-se da oportunidade, no caso que sua segurança estivesse ameaçada. Logo porem fui certificado por o official, que mandava os botes, o qual tinha ordens de informar-se do que havia, que este era um negocio, que nada nos tocava, e em obediencia as suas ordens os botes regressarão para bordo, e não o tendo visto julgei a proposito informal-o de tudo isto, para que possa responder no caso que se lhe pergunte, porão e forão armados os botes da —*Euterprize*.

De Vm. obediente servidor — *S. W. Dow-*

nisg. — Ao Sr. Bom Consul dos Estados-Unidos em Monte-Video.

— Nós appellamos para o juiso de todo o Povo de Monte-Video, e de todos os estrangeiros-honrados, inclusive os Ingleses, que habitão entre nós sobre a verdade das asserções do Sr. *Hood*. Elles são testemunhas, que a segurança dos estrangeiros de todas as Nações ha sido, e é respeitada em Monte-Video sem necessidade de Consules, nem de vasos de guerra; como o pódem ser em seus mesmos Paizes; e sabem, que nesta Capital não tem havido mais tumultos, nem alborotós, se não aquelles, que o mesmo Sr. *Hood* provocou hontem do modo mais ligeiro, e inconcebivel, que pode occorrer a um funcionario publico, ou fosse por equívoco, ou por outro motivo; porque é evidente, que elle comprometteu, e expoz por sua conducta, não só a segurança dos Ingleses residentes entre nós, senão também a honra das armas de S. M. B., que estão destinadas a defender o decóro, e os interesses da sua Nação, mas não a ser instrumentos das equivocações de um Consul.

Um unico factó occorreo, depois do movimento de 5 do corrente, que déra motivo a reclamação por parte do Consul Inglez; e a satisfação foi tão prompta, que no mesmo dia 25 a noite ficou concluido, e arranjado entre o Commandante da força da Capital, e o Sr. *Hood*. Os documentos, que seguem, dão a historia do factó, e de sua terminação; e o mesmo Sr. *Hood* em suas explicações particulares não o dá por motivo da hostilidade commettida pelos botes Ingleses, pois confessa, que estava concluido desde a noite antecedente. Ainda neste caso a queixa era infundada, porque a propriedade, que reclamava o Consul em favor do Sr. *Ockard* não havia sido arrebatada, ou atacada de modo algum pela Auctoridade do Paiz, senão transferida do campo, em que se achava a outro lugar seguro, a fim de não aproveitar-se nella o seu inimigo. Esta propriedade consistia em cavallos, que neste Paiz são um artigo de guerra, como o são as armas, e ninguem póde duvidar, que em todo o Paiz a Auctoridade publica póde restringir o uso desta classe de propriedade, sobre tudo quando tem motivos para crer, que seu inimigo póde aproveitar-se della, sempre que offereça uma justa compensação: Este é precisamente o caso do Sr. *Ockard*, cujas pretensões ficarão completamente satisfeitas com as explicações, e seguranças, que o Commandante da força armada deu ao Consul Inglez na noite de 25.

Mas ainda quando houvesse um motivo real, e justo de queixa contra as Auctoridades deste Paiz por parte do Sr. *Hood*, a civilisação, e o direito das gentes determinão entre todas as Nações os meios legaes de obter uma reparação.

BIBLIOTECA

DE
GABRIEL PEREIRA BORGES FORTES

ção, e este dever nunca é mais nobre, e imperioso, do que quando se exercita pelo forte respeito ao fraco; porque o contrario é faser um abuso cobarde da força; muito mais se ella se emprega em circumstancias, como as em que este Paiz se encontra. Não parece senão, que de intenção se quiz provocar uma catastrophe espantosa, insultando uma povoação pacifica, generosa, e valente; demos graças á sua moderação, por haver sabido evitar o abysmo, em que se precipitava; e felicitemo-nos com a lição, que deu hontem este Povo a outros que se presão de humanos, e cultos, porem que estão dispostos a matar, e faser-se matar por uma manada de cavallos!!!

Reflexões dos Redactores.

Não nos póde causar surpresa o procedimento injurioso, que teve o Consul Inglez, o Sr. Hood com o Povo de Monte-Video. Pertencendo a uma Nação orgulhosa, cuja politica tem por base o egoismo, e a perfidia, uma Nação, digo, que nas suas relações sociaes, e politicas com os outros Estados, não tem a-vista outra coisa mais, que não seja sua desmarcada ambição, não nos é estranho, que commetta attentados tão violentos, e horrosos, como são degradantes para quem os pratica, atropelando com tanta ousadia o Direito das Gentes. Notamos porem, que o Sr. Downisg, subdito de uma Nação heroica, e livre, subdito finalmente dos Estado-Unidos, do Gigante da America, que tem dado ao Mundo lições de sabedoria, justiça, e humanidade, acompanhasse precipitadamente ao Consul Inglez, e seu Capitão em tão desvaírada conducta, praticando uma violencia, de que talvez nem fosse capaz uma Nação barbara, e selvagem. A America do Norte se tem coberto de uma gloria sem par em ambos os Mundos, e seus filhos devem esforçar-se reciprocamente, para que esta gloria se não obscureça. Não é com hostilidades, não é commacções indignas, que as Nações se tornão poderosas, e tocão o grão de felicidade, que appetecem; é pelo contrario, sustentando os principios de justiça, e de equidade, que ellas são ditósas, e se faserem respeitar. As que seguem maximas diversas desta sã politica, ou mais tarde, ou mais cedo terão de haquear. A soberba Inglaterra assim ò tem experimentado; ella vê todos os dias declinar o seu poder; e tempo virá, em que abatido, e humilhado o seu orgulho, pague com usura as injurias, e os insultos, que costumã faser ho: (às Nações mais fracas.

VARIETADES.

Sobre os vicios dos grandes.

Tudo quanto rodça os filhos dos reis só respira corrupção: attaca seu coração, e seu espirito por todos seus cinco sentidos. Como se-

raõ sensiveis á miséria, que não conhecem, nem sentem? Amigos da verdade, quando nunca tem ouvido senão a voz da adulação? Admiradores da virtude sendo criados no meio de vis escravos, que todos se dedicaõ á celebrar seus gostos, e inclinações? Soffredores na adversidade, que nem sempre o respeita; e constantes nos perigos a que algumas vezes se vèem expostos, quando continuamente os tem debilitado com a molèsa, e lisongeados com a importância de sua existencia? Como poderã apreciar os serviços, que lhe tributaõ; conhecer o valor do sangue que se derrama pela salvação do seu imperio, ou pelo lustre do seu reinado, estando imbuídos da funesta preocupação de que tudo se lhes deve, e que é demasiadamente feliz aquelle, que morre por elles? Não tendo nenhuma idéa de justiça, como poderá ser defensor dessa porção da especie humana, de cuja felicidade são responsaveis?

Por fortuna seus perversos ayos tarde, ou cedo recebem o castigo merecido com a ingratição, ou o desprezo. Por fortuna aquelles mesmos jovens miseraveis no seio da oppulencia passaõ sua vida atormentados de um profundo fastio, que não podẽm arredar de seus palacios: o taciturno silencio de seus subditos, de quando em quando lhes patentèa o odio que lhe professaõ; e como são demasiadamente cobardes para desvanecer-lhe as preocupações religiosas, que lhes tem imbuído, levantaõ a cabeça, e os tyrannisaõ; e depois de uma vida que nenhum mortal aceitarã, sem excepção do ultimo de seus subditos, só conhecem os tormentos que padecem; no momento da sua morte, achando á sua cabeceira sómente o dessassocego, o terror, e a desesperação. (Raynal.)

—Um governo merece o nome de bom quando é justo para com todo o mundo; este é o que póde formar bons Cidadãos; este só tem direito de esperar da parte de seus subditos a afeição, o carinho, a fidelidade, e os sacrificios generosos; em uma palavra, é o punctual cumprimento dos deveres da vida social. A auctoridade legitima é unicamente a que póde ser amada, obedecida, e respeitada; ella só inspira aos homens o dote amor da Patria, o qual não é outra cousa, que o amor de sua segurança, e de sua propriedade. (Moral Universal.)

—Todo o governo em que as Magistraturas, são hereditarias, e ainda mesmo vitalicias, é diametralmente opposto ao fim, a que deve propor-se na Sociedade, enserra necessariamente um vicio radical, que destrõe, infesta e corrompe todas as instituições particulares por boas que sejaõ. (Mably.)

(Recopilador Bergipano.)

Porto Alegre: Na Typographia de V. F. de Andrade, Rua da Igreja N. 36.